



DA OUTRA AMÉRICA (1918-1922): GILBERTO FREYRE, O INTELLECTUAL VIAJANTE

DA OUTRA AMÉRICA (1918-1922): GILBERTO FREYRE, THE TRAVELING INTELLECTUAL

MARINA MARINS MORETTONI¹

Resumo

O artigo investiga a influência da viagem na formação intelectual de Gilberto Freyre, com ênfase em sua experiência como estudante nos Estados Unidos, entre 1918 e 1922, período em que escrevera a coluna *Da Outra América*, para o *Diário de Pernambuco*. Para tal, o texto divide-se em três sessões. A primeira aborda o papel da viagem, de um lado, como *fonte de conhecimento*, exemplificada nos guias, relatos, diários e notas de viagem, e, de outro lado, como *forma de conhecimento*, por meio do deslocamento em primeira mão para diferentes culturas e sociedades. A segunda demonstra a relação de Gilberto Freyre com a viagem em ambos os sentidos: **i.** a afeição do autor pela literatura de viagem, a qual lera e consultara no desenvolver de suas obras; e **ii.** as viagens por ele realizadas no recorte espaço temporal adotado e além. A terceira dedica-se à análise dos artigos publicados pelo autor na referida coluna. O exame dos artigos permite observar o paulatino amadurecimento do jovem Freyre – tanto como um intelectual viajante quanto como um viajante intelectual – e revelam indícios das perspectivas teóricas e esboços de pensamento que ele viera a desenvolver.

Palavras-chave: Gilberto Freyre; Intelectual Viajante; *Da Outra América* (1918-1922); *Diário de Pernambuco*.

Abstract

*The article investigates the influence of travel on the intellectual Gilberto Freyre, with emphasis on his experience as a student in the United States between 1918 and 1922, a period during which he wrote the column "Da Outra América" for the Diário de Pernambuco. To do so, the text is divided into three sections. The first section addresses the role of travel, on one hand, as a source of knowledge, exemplified in travel guides, diaries, and travel notes, and on the other hand, as a form of knowledge through first-hand exposure to different cultures and societies. The second section demonstrates Gilberto Freyre's relationship with travel in both senses: **i.** the author's fondness for travel literature, which he read and consulted in the development of his works; and **ii.** The journeys he undertook within the chosen time frame and beyond. The third section is dedicated to the analysis of the articles published by the author in the aforementioned column. The examination of the articles allows us to observe the gradual maturation of the young Freyre – both as a traveling intellectual and an intellectual traveler – and reveals hints of the theoretical perspectives and outlines of thought that he would later develop.*

¹ Mestre em Sociologia pelo Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Sociologia da Universidade Federal Fluminense (PPGS/UFF). Especialista em Patrimônio Cultural pelo Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (CEFET-RJ). É formada Bacharel em Turismo pela Faculdade de Turismo e Hotelaria (FTH) da UFF e Bacharel em Ciências Sociais pela mesma Universidade. Atualmente cursa o Doutorado em Sociologia e Antropologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGSA/UFRJ). Tem experiência profissional como docente do eixo Turismo, Hospitalidade e Lazer e pesquisadora na área das Ciências Sociais, em geral. E-mail: mmorettoni.tur@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8079-6683>.



Keywords: Gilberto Freyre; Traveling Intellectual; Da Outra América (1919-1922); Diário de Pernambuco.

Introdução

A experiência da viagem exercera forte influência sobre a intelectualidade no Brasil. Por um lado, pelo deslocamento de intelectuais viajantes brasileiros. Por outro lado, pelos relatos de viajantes europeus e norte-americanos pela América do Sul, que serviram e vêm servindo como fontes de conhecimento à compreensão das histórias, culturas e sociedades latino-americanas.

As viagens intercontinentais e os relatos de viajantes – embora ocorressem desde o século XVI com as Grandes Navegações e a conquista de novos territórios por nações europeias, como Espanha, Holanda, Portugal e Inglaterra – cresceram no século XVIII, com o deslocamento de pesquisadores e intelectuais naturalistas em busca de documentar e retratar a fauna, a flora, os costumes e os modos de vida nas “Américas”, além, também, do crescente interesse do mercado editorial na publicação de diários e relatos de viagem.

As viagens entre nações vizinhas na América Latina e para o Atlântico Norte oportunizaram o deslocamento do olhar e da narrativa, inicialmente centrada na descrição das sociedades latino-americanas como o outro, o estranho, o exótico, o diferente. A narrativa de viagem deixara, portanto, de ser contada exclusivamente pelo homem branco e europeu, carregado de preconceitos – informado pelas teorias racistas que permeavam o século XIX –, abrindo lugar à narrativa de viajantes “americanos” (ou das Américas) sobre “si” e sobre o “outro”.

Em 1918, o sociólogo e ensaísta pernambucano Gilberto de Mello Freyre (1900-1987) viajara para os Estados Unidos para realizar seus estudos superiores. Inicialmente, na Universidade de Baylor, no Texas, fora aluno do Curso de Bacharelado em Artes. Em seguida, tornara-se aluno de mestrado nas faculdades de Ciências Políticas e de Ciências Sociais Jurídicas na Universidade de Colúmbia, em Nova York. Durante seus estudos na América do Norte viajara, também, pelo continente conhecendo diferentes cidades dos Estados Unidos e



do Canadá. Ademais, ao concluir sua formação, em 1922, partira em viagem à Europa antes de retornar ao Brasil.

O deslocamento do jovem brasileiro rumo ao Atlântico Norte representara sua abertura a outros horizontes, a partir do contato com o “novo” e com as oportunidades que a experiência do desterro lhe ocasionara. A experiência das viagens se mostrara relevante para a formação de Gilberto Freyre, assim como para outros brasileiros que se tornaram influentes na vida intelectual no Brasil. Sublinha-se que a renomada obra, publicada pelo autor em 1933, *Casa-grande e Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal* fora concebida por ele em viagem posterior, que realizara em 1930, novamente aos Estados Unidos. Outro livro que também obteve destaque dentre o pensamento social brasileiro, *Raízes do Brasil*, do intérprete Sérgio Buarque de Holanda, fora também germinado além-mar, em passagem pela Europa.

De 1918 a 1922, quando vivera nos Estados Unidos como estudante, Gilberto Freyre tornara-se correspondente de um dos mais influentes jornais do Nordeste brasileiro, o *Diário de Pernambuco*. Nesse período, o jovem Freyre publicara 63 artigos no jornal, com suas impressões de viagem e temáticas variadas, que passaram a fazer parte do universo intelectual do autor em exílio. Sua coluna fora intitulada *Da Outra América* e ganhara as páginas dos jornais sempre aos domingos.

Neste texto, busca-se investigar, por meio da análise dos artigos publicados na coluna *Da Outra América*, no *Diário de Pernambuco*, entre novembro de 1918 e agosto de 1922, a influência da experiência da viagem para a formação do jovem que, nos 1930, se tornara um dos mais importantes pensadores brasileiros. Nesse ínterim, na primeira sessão a viagem é, aqui, compreendida em duplo sentido. Primeiro, como uma importante fonte de conhecimento – expressa nos livros de viajantes, que fora mobilizada pelo autor em seus estudos e que, também, informara o imaginário coletivo sobre povos e nações. Em segundo lugar, compreende a viagem como uma forma de conhecimento, caracterizada pelo deslocamento geográfico dos indivíduos – intelectuais viajantes² – provocando-lhes o contato em primeira mão com outras realidades, culturas e sociedades.

² Cabe destacar que a expressão “intelectual viajante” remete à história das viagens e do turismo, que localiza nos séculos XVII e XVIII a emergência das “viagens de formação” denominadas *Grand Tour* e *Petit Tour*, na Inglaterra e na França, respectivamente. Empreendidas por jovens da elite acompanhados por seus tutores, as viagens de formação tinham como objetivo a formação intelectual, cultural e política desses jovens que retornariam às suas casas como *gentleman – gatekeepers* (detentores das “chaves da cultura”) – tal como relata Marc Boyer, no livro *História do Turismo de Massa* (2003).



Em seguida, a segunda sessão busca demonstrar a trajetória de Gilberto Freyre de um jovem viajante intelectual e “viajante de poltrona” – afeito à literatura de viagem, a qual no prefácio de seu *Casa-grande e Senzala* reconheceu que lhe era familiar – à condição de intelectual viajante: desde sua primeira viagem como estudante aos Estados Unidos, Freyre realizara diversos deslocamentos pelo Brasil e pelo exterior, os quais foram por ele apreendidos como *loci* de observação para as análises e teorias que desenvolvera no decorrer de sua vida. Por fim, na terceira sessão são analisadas as publicações realizadas pelo escritor em sua mocidade no *Diário de Pernambuco*. À análise *Da Outra América* seguem as considerações finais.

A Viagem como Forma e Fonte de Conhecimento

A História das Américas fora narrada e construída, por séculos, desde o ponto de vista do “outro”. O observador-narrador, em sua maioria, o viajante, deslocara-se de terras distantes, do “Velho” para o “Novo Mundo”. De suas viagens, resultaram diários pessoais – escritos para serem publicados ou não –, relatórios técnicos e cartas remetidos às metrópoles que tinham nessas terras as suas colônias. Pelo olhar do outro, do estrangeiro – viajante curioso, agente colonizador ou pesquisador naturalista –, viram-se tristes trópicos de fauna e flora, de personagens e costumes exóticos.

As viagens conformaram-se como empreendimentos de descoberta e erudição, nas quais os viajantes – como testemunhas do mundo – ampliavam o horizonte do saber e fustigavam a curiosidade ao relatar experiências que seriam lidas por “viajantes de poltrona”. A segunda metade do século XIX, como demonstrara o historiador Eric Hobsbawm (2004, p. 96) na obra *A era do capital 1848-1875*, representara “o início de uma idade de ouro feita de viajantes de poltrona, seguindo nos livros Burton e Speke, Stanley e Livingstone através das matas e da floresta virgem”.

Com o avanço do mercado editorial, a diversificação dos gêneros e a publicação de livros de viajantes – exploradores, missionários e aventureiros que “enfrentavam as incertezas do desconhecido” (*Ibidem*, p. 96) ao deslocarem-se fisicamente pela prática da viagem – emergira uma classe de leitores ávidos por este conteúdo. Os “viajantes de poltrona” acessavam a esses diferentes destinos de viagem a partir do plano do imaginário, fabricado

pela narrativa da literatura de viagem³. A literatura de viagem, por assim dizer, familiarizava o leitor com regiões colonizadas. Fonte de saberes, essa bibliografia fornecera conhecimento acerca dos territórios dominados e dos recursos disponíveis, servindo à manutenção do poder das metrópoles sobre as colônias. Ou ainda, mais do que propiciar conhecimento, ela construía o olhar e o imaginário sobre o visitado.

No texto *Intelectuais viajantes: caminhos para uma história da educação na América Latina*, a pesquisadora Alexandra L. da Silva (2015) explica que:

...mais do que uma decisão pessoal, escrever sobre o vivido no “novo mundo” fez parte de uma obrigação imposta pelos governantes àqueles que participaram das empreitadas de “conquista” e representou uma via de informação essencial para o exercício de poder e controle [...] À época, descobrir era, acima de tudo, viajar. (SILVA, 2015, p. 4).

A escrita dos viajantes tornara-se ferramenta para a construção de um discurso colonizador – e que fora demonstrado por Mary Louise Pratt na obra *Os olhos do Império: Relatos de Viagem e Transculturação* –: a narrativa do viajante (em sua maioria: homem, branco e europeu) acerca do visitado (dos colonizados das Américas e da África). O livro, conforme considera a própria autora, insere-se no campo acadêmico como um esforço de desconstrução desse discurso, baseado nos relatos de viajantes sobre os visitados (ou dos “outros” sobre “nós”)⁴, que procuravam “engajar o público leitor nos (ou para os) empreendimentos expansionistas” (PRATT, 1999, p. 28).

Todavia, os relatos de viagem não se configuraram apenas como fontes para o conhecimento do “outro” – do estrangeiro sobre nós – mas também do “eu”; e, assim, muitos trabalhos de análise social e de pontos de vista sobre o social foram produzidos desde as Américas por “americanos”, os quais tiveram e “têm como fonte documental da análise registros diversos, tais como cartas, cartões postais, bilhetes de embarque, diários, notas,

³ Terminologias como *armchair traveller*, *room traveller* ou *traveling in place* (STIEGLER, 2013) podem ser utilizadas para designar a experiência de viajar sem sair do lugar, acessando diferentes realidades e experiências por meio de livros e, atualmente, também por meio do cinema ou dos blogs de viagem, por exemplo. A expressão “viajante de poltrona”, portanto, visa diferenciar o indivíduo que se desloca fisicamente pelo espaço, tacitamente conhecido como viajante, daquele que se desloca no plano da imaginação, por meio das páginas dos livros ou das telas.

⁴ Deve-se observar que o processo de construção narrativa sobre o colonizado (ou visitado) implica, também, o processo de construção narrativa sobre o colonizador (escritor-viajante e seu leitor europeu) por meio da comparação, pela semelhança ou pela diferença. A esse respeito, a obra de Pratt (1999, p. 29, *grifo dela*) procura responder – dentre outras questões – a duas perguntas: “Como o relato de viagem e exploração *produziu* ‘o resto do mundo’ para leitores europeus em momentos particulares da trajetória expansionista da Europa? De que forma esta produziu concepções européias de si mesma, diferenciadas em relação àquilo que passou a ser possível denominar ‘o resto do mundo’?”.

relatórios de viagens”, adotando o viajante andarilho como objeto ou fonte da investigação (SILVA, 2015, p. 2) e, por vezes, ressignificando os seus escritos.

Nas palavras do sociólogo brasileiro Otávio Ianni, no texto *A metáfora da viagem*:

A história dos povos está atravessada pela viagem, como realidade ou metáfora. Todas as formas de sociedade, compreendendo tribos e clãs, nações e nacionalidades, colônias e impérios, trabalham e retrabalham a viagem, seja como modo de descobrir o “outro”, seja como modo de descobrir o “eu”. É como se a viagem, o viajante e a sua narrativa revelassem todo o tempo o que se sabe e o que não se sabe, o conhecido e o desconhecido, o próximo e o remoto, o real e o virtual. (IANNI, 2003, p. 13).

Como prática ou como enunciado, a viagem convém a variados propósitos. Nesse ínterim, pesquisadores da ampla área das humanidades têm desenvolvido trabalhos que encontram na viagem seu ponto de interseção. Dentre os quais, destacam-se obras contemporâneas, como: *Livros de viagem (1803-1900)*, da historiadora Miriam Moreira Leite; *Viajeras entre dos mundos*, de Sara Beatriz Guardia; *A Grande Aliança, de Ana de Castro Osório: um projeto político-pedagógico luso-brasileiro*, da autoria de Angela de Castro Gomes; e *A viagem e a escrita: uma reflexão sobre a importância da viagem na formação e produção intelectual dos escritores-viajantes brasileiros*, de Claudete Daflon Santos. (SILVA, 2015).

Baseando-se, também, nas obras de intelectuais viajantes latino-americanos, Silva (2015) investiga experiências de viagem que tiveram como objeto de sua motivação a aprendizagem e a busca pelo conhecimento das práticas educacionais de diferentes nações. Para tal, a autora seleciona as viagens do brasileiro Rocha Pombo (1857-1933) pelo interior do Brasil, dos argentinos Domingo Faustino Sarmiento (1811-1888), Florencio Varela (1807-1848) e Juan Alberdi (1810-1885), e dos chilenos José Abelardo Nuñez (1840-1910) e Hugo Lea-Plaza (1891-1963), que viajaram, ora em missão governamental ora por interesse pessoal, para a Europa. Tem-se que:

A viagem de Rocha Pombo, por exemplo, se deu ao interior do Brasil, em uma excursão voltada à descoberta das pessoas comuns e culturas de seu país de nascimento, então ainda desconhecido. Já os vizinhos latino-americanos, olhavam para o exterior, com o intuito de aperfeiçoar e adaptar ideias, modelos e experiências estudadas e observadas em suas viagens. (SILVA, 2015, p. 11).

Por sua vez, no livro *Transnational South America: Experiences, Ideas, and Identities, 1860s-1900s*, Ori Preuss desvia o interesse de investigação dos deslocamentos e relações entre países latino-americanos com seus outros externos – como os europeus e, por sua hegemonia,



também, os Estados Unidos –, para pensar “atividades transnacionais diversas como tradução, **viagem**, conferências e visitas públicas [oficiais], a imprensa, a diplomacia cultural e a intertextualidade” entre pessoas, instituições e nações vizinhas latino-americanas (PREUSS, 2016, p. 7, **grifo nosso**).

Nesse contexto, Preuss (2016) analisa as viagens realizadas por viajantes latino-americanos entre a cidade brasileira do Rio de Janeiro e a argentina Buenos Aires. Impulsionadas por interesses diversos – tais como lazer, negócios, curiosidade, entre outros –, as viagens concorreram à formação de uma consciência latino-americana e à aproximação entre países vizinhos. Recortes de jornais do Brasil, reunidos pelo argentino Estanislao Zeballos (1854-1923), narram as viagens e “descobertas” de jornalistas, escritores, políticos e intelectuais brasileiros pelo Rio da Prata: Pardal Mallet (1864-1894), César Bierrenbach (1872-1907), Quintino Bocaiúva (1836-1912), Joaquim Nabuco (1849-1910), entre outros, no século XIX.

De acordo com Preuss (2016, p. 51), “a interrelação entre a viagem através das fronteiras nacionais, escrita, ideias e identidades é predominante na história do século XIX”. Ao passo que o fluxo das viagens nesse período já não partia exclusivamente do “Velho Mundo” para o “Novo”, em excursões de conquista, mapeamento e descoberta financiadas pelos colonizadores. Desse modo, deve-se considerar, também, que as elites “lusó-americanas” e “hispano-americanas” realizaram um duplo movimento: a viagem no interior das fronteiras nacionais e a viagem entre fronteiras nacionais e para além delas⁵. Também foram “comuns” as viagens de jovens latino-americanos que se deslocavam para estudar nos centros culturais e econômicos do Atlântico Norte⁶ – rumando em sua maioria para ingressar em universidades europeias.

Depreende-se, desse modo, que o empreendimento da viagem fora para as Américas tanto uma *fonte de conhecimento* – com a qual o viajante de poltrona entrara em contato por meio de publicações em jornais e em livros de relatos, diários e notas de viagem – quanto uma

⁵ Importa destacar que Silva (2015, p. 6) pondera que, nem sempre, as viagens configuraram-se como privilégio dos ricos e bem-nascidos, sendo – para muitos intelectuais – “um caminho para a sobrevivência no mundo das letras e do mercado editorial”.

⁶ No capítulo “*No Need to Go to Paris Anymore*”: *South America Experience of Distance and Proximity*, Preuss (2016) sinaliza a presença dominante de estudos sobre os deslocamentos das elites dos centros econômicos e culturais do Atlântico Norte rumo aos países da América do Sul, bem como os, também predominantes, estudos sobre os deslocamentos latino-americanos rumo ao Atlântico Norte; em detrimento das viagens transfronteiriças entre nações da América do Sul, que, a seu ver, apenas recentemente vem recebendo a atenção dos estudos sobre transnacionalismo na América Latina.



forma de conhecimento, ao deslocarem-se pelo interior de sua terra natal a cantos desconhecidos e/ou para outros países – vizinhos ou distantes –, intelectuais, políticos, artistas e figuras em destaque movidos (muitas vezes) pela curiosidade e pela fascinação. (PREUSS, 2016).⁷

A viagem de intelectuais “americanos” pelas Américas possibilitou, por sua vez, a inflexão do olhar do “outro” sobre “nós” para o olhar do “eu” sobre “nós”, seja por experienciar a viagem com seus próprios olhos em trânsito seja por escreverem em primeira mão seus relatos e impressões pessoais que seriam lidos em jornais e livros de viagem. Dito de outra forma, aos olhares do Atlântico Norte para o Sul somam-se – ou até mesmo se contrastam – olhares Sul-Sul ou Sul-Norte.

Todavia, o que se propõe aqui observar é o papel desempenhado pela viagem na formação de intelectuais brasileiros. Ao que toca sublinhar o recurso à literatura de viagem como fonte de dados e informações, mas também, e, em especial, as viagens por eles realizadas como forma de conhecimento e parte de sua formação. Cabe, neste último caso, a colocação de Silva (2015, p. 7), para quem “A viagem empreendida por um intelectual pode ser uma ação reveladora de suas redes de sociabilidade, apoio e prestígio, ou, ainda, uma estratégia na luta pela legitimação em meio a elas, em seus microclimas, tensões e clivagens no interior dos grupos”. Neste trabalho, adota-se como objeto de análise a série de artigos do intelectual brasileiro Gilberto de Mello Freyre, intitulada *Da Outra América*, que fora escrita e publicada por ele na imprensa brasileira – especificamente no *Diário de Pernambuco* –, entre 1918 e 1922, período em que o autor estudara nos Estados Unidos e viajara pela América do Norte. Destaca-se, no entanto, que Freyre fora não apenas um intelectual viajante, mas também um viajante intelectual e “viajante de poltrona”. Logo, deslocou-se física e sensivelmente, desde a sua juventude, por diferentes países do Ocidente e do Oriente – para usar termos mobilizados pelo autor em sua obra –, como também fora um ávido leitor de livros de viagem, recorrendo a eles, com certa frequência, na produção de suas análises sócio históricas.

⁷ É em relação a esse duplo movimento que se procura diferenciar, aqui, o viajante intelectual e o intelectual viajante. Compreendendo, por um lado, que os viajantes intelectuais serviram-se da viagem para deslocar-se intelectualmente a outros tempos e espaços por meio da literatura de viagem tomada como fonte bibliográfica de estudo, e que esta literatura servira-lhes à produção de suas análises. Ao passo que, por outro lado, os intelectuais viajantes deslocaram-se também fisicamente a outras realidades – em viagens de formação, visitas oficiais ou mesmo para a prática de turismo – que tornam-se experiências de campo, observando diferenças e similaridades entre seu lugar de origem e de destino.

O Viajante Intelectual e o Intelectual Viajante

Gilberto de Mello Freyre consolidara-se, na década de 1930, como uma figura proeminente no pensamento social brasileiro sobre o Brasil ao ter publicado obra de análise sobre a história, sociedade e cultura brasileiras. O livro *Casa-Grande e Senzala*, publicado em 1933, obtivera, inicialmente, repercussão positiva entre a crítica e recebera comentários elogiosos em artigos de jornal brasileiros, alçando o intelectual Freyre de um certo destaque regional – no Nordeste, especialmente, em Pernambuco, estado onde nascera em 15 de março de 1900 – para o plano nacional.

Neste livro seminal, que para a socióloga Élide Rugai Bastos representa a emergência de um pensamento sociológico brasileiro (BASTOS, 1995), e em outras de suas obras, como *Sobrados e Mucambos*, publicado três anos mais tarde, faz-se notar, dentre outras coisas, a diversidade e profusão de materiais aos quais Freyre recorrera como fonte de informações: atas de reuniões, álbuns de fotografia e litografia, almanaques, anais científicos, romances, autobiografias, cartas, relatórios, testamentos, registros de nascimento e de casamento, manuscritos, revistas, jornais, diários e relatos de viagem, livros.

O *Prefácio à 1ª Edição de Casa-Grande e Senzala* traz uma importante informação. No parágrafo inicial, introduzindo o leitor ao seu livro, Freyre (2016, p. 29, **grifo nosso**) escrevera: “Em outubro de 1930 ocorreu-me a **aventura do exílio**. Levou-me primeiro à Bahia; depois a Portugal, com escala pela África. **O tipo de viagem ideal para os estudos e as preocupações que este ensaio reflete**”. Além desta experiência, o livro resultara também do artesanato intelectual (MILLS, 1975) do autor entre leituras e viagens realizadas no Brasil – pelos engenhos de cana-de-açúcar do Nordeste, pelos cafezais de São Paulo e portos do Rio de Janeiro –, assim como, é claro, de seus estudos nas Universidades de Baylor e de Colúmbia, nos Estados Unidos. A viagem fora, por assim dizer, um importante elemento formador do intelectual Gilberto Freyre, como fonte e forma de conhecimento.

Em *Viagens e Viajantes em Gilberto Freyre*, o pesquisador Gustavo Henrique Tuna disserta sobre a preponderância dos relatos de viajantes na análise freyriana sobre o Brasil. No texto, Tuna (2003) argumenta que Freyre construía sua análise sócio histórica do período colonial informado, muitas das vezes, pela literatura de viagem. Os relatos de viajantes tiveram, conforme Tuna (2003), um papel central na caracterização de três personagens



fundamentais ao Brasil de *Casa-Grande e Senzala*: o português, o indígena e o negro escravizado. Fora, afinal, o próprio Gilberto Freyre quem declarara sua familiaridade ao gênero da literatura de viagem – sendo ele um “viajante de poltrona” – ao considerar que:

Para o conhecimento da história social do Brasil não há talvez fonte de informação mais segura que os livros de viagem de estrangeiros – impondo-se, entretanto, muita discriminação entre os autores superficiais ou viciados por preconceitos – os Thévet, os Explilly, os Debadie – e os bons e honestos da marca de Léry, Hans Staden, Koster, Saint-Hilaire, Rendu, Spix, Martius, Burton, Tollenare, Gardner, Mawe, Maria Graham, Kidder, Fletcher. **Destes me servi largamente, valendo-me de uma familiaridade com esse gênero não sei se diga de literatura – muitos são livros mal escritos, porém deliciosos na sua candura quase infantil – que data dos meus dias de estudante...** (FREYRE, 2016, p. 47-48, grifo nosso).

Além de “viajante de poltrona” – deslocando-se intelectualmente a tempos e espaços, a seu ver, candidamente retratados –, Freyre escrevera, ele mesmo, dois guias de viagens sobre as cidades de Recife e de Olinda, localizadas em seu estado natal, Pernambuco, no Nordeste do Brasil. Embora não configurem relatos de viagem, as obras baseiam-se, contudo, nas impressões e vivências do autor e em pesquisas realizadas por ele. Publicado em 1939, *Olinda: 2º Guia Prático, Histórico e Sentimental de Cidade Brasileira* guarda próxima relação com as impressões de viagem do naturalista alemão Konrad Guenther, recorrentemente mencionado por Freyre em seu guia.

Em sua biblioteca pessoal, na Vivenda Santo Antônio de Apipucos – local onde o autor vivera com sua família e que, hoje, abriga a Casa-Museu Magdalena e Gilberto Freyre da Fundação Gilberto Freyre – o autor reunira cerca de 40 mil exemplares de livros. De acordo com Tuna (2003), apenas 10% deste universo havia sido catalogado (na época de sua pesquisa), sendo que:

No referido catálogo, já se percebe a numerosa presença de livros de cronistas e de viajantes. Em muitos destes livros de sua biblioteca, vemos os grifos de Freyre. Ele não só tinha o costume de grifar trechos que com certeza despertavam-lhe atenção, como também dobrava a ponta das páginas a fim de marcá-la para um posterior retorno. Além dos grifos, algumas vezes Freyre escrevia nas margens do texto, comentando alguns trechos. Em alguns exemplares, fazia uma anotação na última página do livro e indicava o livro de sua autoria em que citaria tal autor (como S&M, para *Sobrados e Mucambos*) e as respectivas páginas que citaria. (TUNA, 2003, p. 15).

Também em *Sobrados e Mucambos*, de 1936, Freyre escrevera “Sem desprezar, é claro, diários e livros de viajantes estrangeiros” (FREYRE, 2004, p. 38); seguindo “o mesmo critério e a mesma técnica de estudo” (FREYRE, 2016, p. 27) que utilizara em sua obra-mestra *Casa-grande e Senzala*. Mas já em seu primeiro texto de análise sociológica, a



literatura de viagem lhe servira como fonte de conhecimento, realizando leituras de “um viajante de poltrona” para a pesquisa que empreendera no mestrado realizado na Universidade de Colúmbia, quase duas décadas antes, e que resultara na tese *Social life in Brazil in the middle of the 19th century*, defendida em 1922.

Os livros de viagem parecem ter sido cobiçados por Gilberto Freyre, o que se pode observar pelo que escrevera em seu “diário”⁸, no Recife, em 1927:

Agora, que estou ganhando bastante, venho me regalando com a compra de livros já muito desejados. É com alvoroço de menino que recebesse brinquedos que desembrulho pacotes de Londres (Hugh Rees), de Paris (livros adquiridos por intermédio principalmente do nosso Ministro em Praga, Belfort Ramos) e da Alemanha (por intermédio do Karl von den Steinen). Uns livros novos em folha – os ingleses com um cheiro diferente do que caracteriza os franceses; os alemães com odor também próprio (que não se confunde com o dos livros americanos). **Alguns, livros antigos, antiquíssimos até: livros de viajantes que estiveram no Brasil colonial. Um Koster em francês, estampas a cor, e autógrafo do tradutor. Um Luccock: raríssimo. Um Lindsay: outra raridade. Um Pyrard. Verdadeiras preciosidades.** Também as obras completas de Frazer. Morgan. Tylor. Quase todos os clássicos da antropologia em língua inglesa. Vários alemães, austríacos, franceses, italianos. Os modernos: Wissler, Kroeber, o Padre Schmidt, o italiano Sergi. E também literatura. **Autores que li em bibliotecas e tenho agora ao meu lado, como amigos que me fizeram companhia neste meu exílio intelectual no trópico.** Pater completo. (FREYRE, 2012, p. 415, grifo nosso).

Para além de seu acervo pessoal, o qual o autor equipara – após receber um considerável aumento por seu trabalho no *Diário de Pernambuco* (FREYRE, 2012) e assumir o posto de assessor pessoal do Governador Estácio Coimbra (CHACON, 1993) – com exemplares raros e há muito desejados, Freyre tivera acesso a livros de diferentes gêneros em bibliotecas Brasilianas, consultando aos acervos da Oliveira Lima Library e o da John Casper Banner, nos Estados Unidos. Cabe destacar, inclusive, que seus estudos nos EUA foram

⁸ Publicado como um conjunto de diários do autor, escritos entre 1915 e 1930, *Tempos mortos e outros tempos* consiste em trabalho de caráter memorialístico, espécie de “autobiografia à prestação” a qual Gilberto Freyre cortara e editara impressões da juventude, acrescentando memórias e informações. Do caráter memorialístico da obra, há indícios já no *Prefácio do autor*. Mas a confirmação, no entanto, viera a público postumamente, ao ser encontrado dentre os manuscritos deixados por Gilberto Freyre, uma versão atualizada e expandida de *Tempos mortos e outros tempos*, que o autor intencionara publicar sob novo título: *De menino a homem*. (PALLARES-BURKE, 2012).

incentivados pelo diplomata pernambucano Oliveira Lima⁹, cuja influência em sua formação Freyre equiparara a do antropólogo de formação alemã Franz Boas (TUNA, 2003).

A viagem do jovem Freyre, em 1918, para o estrangeiro desempenhara um papel significativo em sua formação. Em *A outra América de Gilberto Freyre*, Alfredo César Melo argumenta que:

É o desterro que transforma o olhar do intérprete brasileiro em terras estrangeiras, fazendo com que a mirada *pertinente* (que pertence à comunidade) se transforme em *impertinente* (estranha à comunidade e, por isso também, um tanto inadequada para a doxa local). Retirar-se do raio de alcance do pertencimento nacional gera reflexões repletas de estranhamento, distantes dos padrões habituais a que o analista estava acostumado, quando imerso em sua cultura natal. (MELO, 2017, p. 57, grifo dele).

A experiência da viagem – ou do desterro ao qual se refere Melo (2017) – antes de transformar o olhar do intelectual, (trans)formara o olhar do jovem. Gilberto Freyre embarcara rumo aos EUA aos 18 anos de idade para cursar o ensino superior na América do Norte. Em seu diário, Freyre escrevera a *Bordo do “Curvelo”, 1918* sobre sua curiosidade, expectativa e a antecipada saudade de casa: “Viajo cheio de saudade. Mas também animado de uma grande curiosidade: saber o que me espera nos Estados Unidos. Como serão meus estudos? Como me adaptarei à vida ianque?” (FREYRE, 2012, p. 53).

É certo que os escritos de seu diário da juventude, publicados em *Tempos mortos e outros tempos*, não atestam a precisão dos fatos narrados, pois como todo relato autobiográfico representam a elaboração criativa e a construção narrativa de quem o narra ou escreve, como aponta o sociólogo Pierre Bourdieu (2016) em seu texto *A ilusão biográfica*. O exercício de autoconstrução de Freyre sobre si mesmo e sobre sua juventude torna-se mais evidente à medida que o autor reconhece ter realizado, em diálogo com o editor José Olympio, recortes, colagens e acréscimos ao material “original” para que fosse publicado¹⁰.

⁹ Fora com o auxílio de Oliveira Lima que Gilberto Freyre conseguira cartas de recomendação para a Universidade de Colúmbia, conforme explicita Chacon (1993, p. 94): “A bolsa de estudos de Gilberto Freyre em Columbia, apesar da intercessão protestante – “Tenho duas cartas de recomendação, uma delas do Dr. Brooks, presidente de Baylor, que bondosamente diz deste seu amigo: - he is one of the most mature students for his age I ever met and his mature scholarship is matched by gentle conduct’ - foi obtida com reforço do prestígio intelectual do diplomata de carreira Oliveira Lima, como se vê no término desta carta a ele em 17 de janeiro de 1921: “Poderia o Sr. escrever uma cartinha - duas palavras - ao Prof. Shepherd, e que eu possa mostrar ao Dr. Duggan depois d'amanhã? Sendo isto possível muito grato ficará seu sincero admirador”. Logo respondida favoravelmente.”.

¹⁰ No *Prefácio do autor* à obra, Freyre explica: “Sucede que das notas em que foram sendo registradas, pelo autor, reações íntimas, pessoais, secretas, até àqueles acontecimentos e àqueles experiências, perdeu-se boa parte, devorada pelo cupim. Deixadas em velho baú, juntamente com cartas e com outros papéis pessoais, aí permaneceram alguns anos, após a chamada “Revolução de 30”. Até que, aberto um dia o baú, só alguns dos

No entanto, o caráter memorialístico e as histórias narradas por Freyre em *Tempos mortos e outros tempos* servem à ilustração dos temas e questões que passaram pelo horizonte de preocupações e interesses do autor. Nos relatos em páginas esparsas de seu diário, manifestara por vezes sua sensibilidade sociológica, seu estranhamento em relação ao estrangeiro¹¹ e a tomada de consciência dos acontecimentos para além do território nacional¹².

A escolha por estudar nos Estados Unidos – facilitada por sua relação familiar com a Igreja Batista¹³ –, e não na Europa, representara a abertura para um novo ambiente intelectual, ao passo que Freyre “lia em inglês quando no Brasil a língua à disposição da maior parte dos pesquisadores era o francês, o que lhe abre horizontes novos” (BASTOS, 1995, p. 66), determinantes em sua formação. Nos Estados Unidos, cursara as cadeiras de Ciências Jurídicas, Biologia, Psicologia, dentre outras disciplinas, despertando especial interesse pela Antropologia Cultural de Franz Boas.

Lá, conhecera, também, a Nova História Americana, mais preocupada com a interpretação dos processos e de como eles aconteceram do que com o mero relato dos fatos. Em contato com a Nova História Americana, Gilberto Freyre se interessara pela história do

papéis que ele guardava se apresentaram em estado de ser lidos e copiados, isto é, datilografados, como foram, com um mínimo de revisão pelo autor: respeitadas, em simples apontamentos, alguns quase em sinais taquigráficos, palavras de adolescente de 15 e de jovem de 20 anos. Feito um ou outro acréscimo para esclarecer obscuridades. Conservadas repetições. Respeitadas espontaneidades um tanto desordenadas”. (FREYRE, 2012, p.10).

¹¹ Em sua primeira nota de viagem, ainda em deslocamento para os Estados Unidos, o jovem Freyre relatara: “Pratico meu inglês com uma família inglesa que, não podendo voltar à Inglaterra, vai aos Estados Unidos: os Joyce. Ela, viúva. A filha, uma linda inglesinha com quem venho conversando muito. Mr. J. era missionário, parece que na Bahia. Ou no Espírito Santo. Morreu de um bicho-de-pé. Bicho mal tirado. O pé do pobre do inglês não resistiu a uma infecção. **Penso no fato de que não há brasileiro que morra de bicho-de-pé. Ao contrário: sem bicho-de-pé, quando menino, quase não há brasileiro. É uma iniciação na condição brasileira a que raros meninos escapam.** O bicho entra no pé do brasileiro menino, instala-se aí, coça, é extraído a alfinete quente, põe-se cal de parede na feridinha e não acontece nada. A coceira deixa até certa saudade. **Mas se o pé é de inglês, pode acontecer o que aconteceu a Mr. J.: infecção, febre, delírio, morte. O bicho-de-pé é a febre amarela em ponto pequeníssimo: não faz mal a brasileiro, mas pode ser mortal com relação a estrangeiros.** Pobre do pai da inglesinha” (FREYRE, 2012, p. 53, **grifo nosso**).

¹² Em passagem por Barbados, rumo aos Estados Unidos, em 1918, Freyre escrevera em seu diário que: “**Só aqui me intei do perigo imenso que foi em plena guerra a travessia do Atlântico, do Brasil a este pedaço do Império Britânico: os alemães já nos consideram – aos brasileiros – inimigos.** Nestas águas têm-se dado já, nos últimos dias, façanhas terríveis dos submarinos alemães, não só contra os ingleses como contra os anglo-americanos, e nós somos considerados aliados dos Estados Unidos. **Confesso que ignorava tais perigos ao deixar o Brasil.** Se fui herói, realizando esta travessia, fui herói involuntário. E para ser franco, continuo sem o menor medo. Ao contrário: um tanto seduzido pelo risco” (FREYRE, 2012, p. 54, **grifo nosso**).

¹³ Na obra *Gilberto Freyre: uma Biografia Intelectual*, Vamireh Chacon (1993) demonstra a relação de proximidade do Colégio Americano, onde Freyre estudara no Recife e se formara como orador da turma, com a Igreja Batista americana e as universidades nos Estados Unidos. Reconhecido como um jovem promissor, propício aos interesses dos missionários batistas no Brasil, Freyre fora recomendado ao Reitor da Universidade de Baylor pelo missionário Muirhead, que o descrevera como um jovem “precoce” e merecedor da universidade. A viagem e permanência de Freyre naquele país foram mantidas por sua família, no entanto, o jovem, assim como seu irmão Ulysses antes dele, recebera uma bolsa de estudos da Igreja Batista.



cotidiano, como parte da história social. De acordo com Tuna (2003, p. 89): “Os elementos e os enredos que Freyre elenca para formar sua interpretação da formação da sociedade brasileira revela uma dívida grande com esta história proposta nos anos 1910 nos Estados Unidos”; fazendo uso de métodos como a história oral e dos relatos de cronistas e viajantes para compreender a história da vida cotidiana no Brasil colonial, para ele, a herança histórica de todo brasileiro.

Outras influências de seus estudos nos EUA podem ser notadas em sua vida e obra, como, por exemplo, a afinidade entre o movimento *The Agrarians*, no sul daquele país, e o Movimento Regionalista do Nordeste, no Brasil. Os *agrarians* visavam à valorização da cultura, valores e tradição do sul agricultor frente à industrialização e ao advento da modernidade. Ao passo que os regionalistas e tradicionalistas do nordeste, envoltos pela retórica da saudade, exaltavam os valores e uma cultura supostamente nordestinos, desejosos por um retorno à tradição. O Movimento Regionalista do Nordeste fora articulado, nos anos 1920, por Gilberto Freyre, considerado uma espécie de líder intelectual do movimento. Em 1926, Freyre organizara o I Congresso Regionalista do Recife. E, em 1931, participara da Conferência Regionalista realizada em Charlottesville, na Virginia; evento que contou com a presença de “um dos mais ativos ‘agrarians’, John Gould Fletcher” (TUNA, 2003, p. 100).

Ademais, Freyre concebera e arquitetara todo o trabalho de *Casa-grande e Senzala* quando retornara aos Estados Unidos, em 1930, para dar aulas como professor-visitante na Universidade de Stanford. A esse respeito, Melo (2017, 57) considera que “Um paradoxo notável da história cultural brasileira reside na constatação de que duas das mais consagradas interpretações do Brasil foram germinadas longe do país: *Casa-Grande e Senzala*, de Gilberto Freyre, e *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda”. Há que se sublinhar, contudo, que os deslocamentos de Freyre como intelectual viajante não se restringiram à América do Norte.

Em sua autobiografia contada à prestação – tal como Pallares-Burke (2012) identifica os textos reunidos em *Tempos mortos e outros tempos* – pode-se identificar diferentes cidades por onde o intelectual viajante passara, embora não se possa afirmar que o hábito de narrar os acontecimentos em um diário ou caderno de viagem se tenha consolidado em uma prática cotidiana.

No entanto, no exemplar publicado, Freyre iniciara cada nova página com o nome da cidade e o ano de onde/quando supostamente tomara nota. De 1915 a 1917 todas as inserções realizadas pelo autor teriam sido redigidas desde sua cidade natal no Recife, reunindo 35

escritos (ou diálogos de Freyre consigo mesmo, conforme avalia em seu prefácio). O ano de 1918, por sua vez, tem início com sua viagem, ainda a bordo da embarcação que o levava aos EUA; ao que sucedem notas desde Barbados, Nova York e Kentucky. Em 1919, escrevera desde Waco e San Antonio. Em 1920, novamente desde Waco e de Nova York. Em 1921, escrevera (por diversas vezes) desde Nova York – visto que, neste período, estudara na Universidade de Colúmbia – mas, também, de Lake George, Montreal, Washington e Boston. Em 1922, além das cidades estadunidenses onde já estivera ou residira, escrevera também em périplo por cidades europeias: Paris, Berlim, Munique, Nuremberg, Londres, Oxford e Chartres. Passando, em 1923, pelas cidades lusitanas de Lisboa e Coimbra antes de retornar ao Recife, no Brasil, de onde partira para e retornara de cidades como Rio de Janeiro, São Paulo, Jarapanduba e, também, o estado da Paraíba.

Mais tarde, a convite de instituições e governos, Freyre voltara a viajar para o exterior. Em *Tristes trópicos e alegres luso-tropicalismos: das notas de viagem em Lévi-Strauss e Gilberto Freyre*, a pesquisadora Cristina Bastos baseia-se nos relatos de viagem do (já maduro) sociólogo entre os anos 1951 e 1952: “um conjunto de notas e impressões de viagem feitas a partir de um olhar treinado nas ciências sociais, mas aqui [na obra *Aventura e Rotina*, publicada por Gilberto Freyre em 1953] expresso em formato livre, acompanhando a cadência dos dias, dos eventos e das associações de pensamento” (BASTOS, 1998, p. 416); em contraponto com as notas e o olhar, também treinado, do antropólogo Claude Lévi-Strauss.

A viagem e a análise freyriana da viagem serviram, conforme Bastos (1998, p. 420), à formulação de “uma visão de mundo que contradiz tudo e todos”. Com isto, Bastos (1998) procura demonstrar que, diferentemente de Lévi-Strauss – que em seu *Tristes Trópicos* pensara as sociedades Bororo, Nambikwara e Caduveo – do ponto de vista do “outro”, do “exotismo” e da “estranheza” –, Freyre pensara o Brasil e o luso-tropicalismo em territórios como Algarve, Madeira, Cabo Verde, Guiné, Angola, Moçambique e Goa, do ponto de vista do “nós”: encontrando similitude em meio às diferenças.

Dessa maneira, o luso-tropicalismo freyriano soara de forma positiva ao governo português, percorrendo o caminho inverso a que as viagens serviram por séculos: o olhar do brasileiro Gilberto Freyre influenciara a formação de uma autoimagem portuguesa. A esse respeito, Bastos (1998) afirma que:



...se quisermos entender certos aspectos da cultura portuguesa e das culturas de língua portuguesa, não apenas no passado, mas nos nossos dias, há que ter presente a influência que o pensamento elaborado e expresso por Freyre teve na consolidação de uma ideologia que em muito se confunde com a própria auto-imagem de Portugal. (BASTOS, 1998, p. 428).

Cabe, aqui sublinhar, que a análise de Gilberto Freyre fora recebida com simpatia pelo governo ditatorial salazarista, tal como sua visão de Brasil fora acolhida pelos governos autoritários e ditatoriais de seu país, o que, dentre outras coisas, fizera do autor uma figura não grata em parte do meio acadêmico brasileiro. As especulações acerca do olhar freyriano sobre os trópicos – nele incluído o Brasil, Portugal, parte da Ásia e da África – esbarram na tentativa de psicologizar o autor, identificando na experiência do desterro e na constatação de sua condição periférica enquanto estudante nos Estados Unidos, o “gatilho” para sua interpretação do Brasil (BASTOS, 1998; MELO, 2017).

O artigo de Castro Santos – intitulado *O Espírito da Aldeia - Orgulho Ferido e Vaidade na Trajetória Intelectual de Gilberto Freyre* – é obra recorrentemente citada à ilustração desta abordagem. Em sua análise, Santos (1990) entremeia fatos biográficos da trajetória intelectual e da carreira pessoal do autor de *Casa-grande e Senzala* ao pecado da vaidade, atribuindo o declínio do autor ao gosto pelo elogio e intolerância à crítica; e associando o sucesso de intelectuais brasileiros à sua proeminência em um centro acadêmico localizado no eixo Rio-São Paulo. Tal perspectiva identifica certa reatividade no olhar freyriano sobre o Brasil, pela tomada de consciência acerca de sua pequenez frente aos centros culturais e econômicos do Atlântico Norte. Ao mesmo tempo, compreende o diálogo de Gilberto Freyre com estes centros como uma busca de reconhecimento internacional resultante de insucesso do autor dentre parte do meio acadêmico brasileiro¹⁴.

Ao olhar crítico de Santos (1990), a “aventura” da viagem para Gilberto Freyre lhe deixara marcas profundas: ‘De um lado, o impacto revolucionário que conformou a grandeza

¹⁴ Para Santos (1990, p. 57), “...Gilberto Freyre escolheu o caminho mais fácil e *ego inflating*. A opção pelo cenário grandioso não fazia concessões: um emprego público, a que muitos companheiros de ofício recorriam, era insuficiente. Gilberto Freyre conquistou não um emprego, mas uma instituição inteira para si – o Instituto Joaquim Nabuco, sobre o qual desde 1949 até sua morte exerceu inquestionável influência”. É com incômodo que Santos (1990) concebe a relação de Freyre com o Instituto Joaquim Nabuco, que o recifense ajudara a criar, contudo, no âmbito dos argumentos do autor – o do excessivo interesse e necessidade de Gilberto Freyre pela validação internacional –, deve-se acrescentar o contraponto de que Freyre recusara o convite da Unesco para coordenar a área de ciências sociais da organização (TUNA, 2003), à época em que se desenvolvera no Brasil o Projeto Unesco, em que intelectuais como Florestan Fernandes, mencionado por Santos (1990) para referenciar o desmonte ou o declínio de Freyre no campo intelectual brasileiro, desenvolveram suas pesquisas.



de sua obra inicial. De outro lado, a *overdose*, a expectativa exagerada de tornar-se uma figura internacional, e a incapacidade de conviver com os primeiros sucessos sem “perder a cabeça” (SANTOS, 1990, p. 58). Para ele, a partir dos anos 1940, as novas obras de Freyre se teriam diluído em meio à profusão de citações, numerosas referências bibliográficas (repletas de autores norte-americanos) e cacoetes estudantis “como o de referir-se, com humildade afetada” a esse ou aquele “Professor” (SANTOS, 1990, p. 57).

Cabe, em diálogo com Santos, frisar que o intelectual Gilberto Freyre, de fato, não exercera de forma duradoura o ofício de professor nem se colocara profissionalmente como um acadêmico, havendo manifestado seu desinteresse neste ramo de atuação do sociólogo. Atuara, todavia, em diferentes frentes: magistério (por vez ou outra), pesquisa, revisão textual de relatórios administrativos, crônica, edição de jornais e revistas, chefia do Gabinete do Governo do Estado de Pernambuco, representação regional do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Sphan), presidência do Conselho Estadual de Cultura de Pernambuco, mandato de deputado federal, escrita e organização de livros, entre outros. Freyre fora um articulador de ideias, que se fizera presente no pensamento social brasileiro e no debate político nacional.

As regulares aparições nos jornais – seja por referências a seu nome seja por suas publicações (e principalmente por estas) –, acredita-se, representaram um relevante *loci* de interlocução e amadurecimento intelectual para Gilberto Freyre. Conforme se procura aqui demonstrar, sua vida profissional fora marcada, desde muito cedo, por viagens pelo Brasil e no exterior. Quando jovem estudante nos Estado Unidos, Freyre tornara-se também colaborador no *Diário de Pernambuco*, periódico com o qual viera a colaborar por 70 anos, e onde publicara (sem tirar nem pôr) milhares de artigos.

Como correspondente do jornal no exterior – entre 1918 e 1922 – publicara a série intitulada *Da Outra América*, vez ou outra intercalada por outras de suas publicações. Já no Brasil, no lugar de nomear, decidira enumerar os novos artigos que publicaria no veículo (de “1” a “100”), e que foram sucedidos de textos com títulos os mais variados, como *Carnaval sem mais nada* (11 fev. 1937), *Livros sobre o Brasil* (10 jun. 1944) e *A Bahia intelectual de hoje* (10 abr. 1947), entre outros. Neste trabalho investigamos as impressões do jovem Gilberto Freyre, entre seus 18 e 22 anos, escritas em sua experiência como intercambista e turista na América do Norte, quando o viajante intelectual e intelectual viajante publicara

pouco mais de 60 textos na coluna *Da Outra América*¹⁵, no *Diário de Pernambuco*. A coluna fora, comumente, impressa na terceira página do caderno principal e, em algumas ocasiões, tivera espaço reservado na primeira e segunda páginas do jornal, muito raramente impressa na quarta.

O **Quadro 1**, a seguir, lista os artigos publicados na coluna *Da Outra América*, entre 1918 e 1922, hoje disponíveis para pesquisa na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional:

Quadro 1. Artigos publicados, entre 1918 e 1922, na coluna *Da Outra América*, de Gilberto Freyre, no *Diário de Pernambuco*.

Data	Tema*	Disponível na Hemeroteca Digital (BN)
03/11/1918	A cidade de Louisville - cooperação entre as diversas religiões no combate aos vícios - monstro marinho capturado na costa da Flórida - os Estados Unidos e a guerra - chegada do outono	http://memoria.bn.br/DocReader/029033_09/18458
12/01/1919	Chegada do frio - visita a War Exposition - o marechal Leon Lesoil, diretor da seção belga da War Exposition - o armistício - a Liga das Nações - possível nomeação de Ruy Barbosa como delegado à Conferência da Paz	http://memoria.bn.br/DocReader/029033_09/18969
09/02/1919	Visita a Forth Worth e a R. S. Jones, aluno do Seminary Hill - impressões sobre o pregador Billy Sunday - o Natal americano - palestra com mexicanos que fazem trabalho missionário. Contém fotografia de Billy Sunday, notável pregador norte-americano.	http://memoria.bn.br/DocReader/029033_09/19193
16/02/1919	O frio e o otimismo do povo americano - palestra de Harold Peat, em Baylor - Encantos da vida universitária americana - ouvindo, em Waco, a orquestra de M. Messenger - plantação de uma árvore no campus, para celebrar o Natalício do presidente de Baylor.	http://memoria.bn.br/DocReader/029033_09/19235
04/05/1919	Mudanças das estações e suas influências na moda, nos esportes, nos divertimentos - a coeducação e o honor system, nas universidades americanas.	http://memoria.bn.br/DocReader/029033_09/19765
29/05/1919	Universidade de Baylor: palestra da doutora Anna Shaw, em favor dos direitos da mulher.	http://memoria.bn.br/DocReader/029033_09/19967
31/08/1919	Considerações sobre a high school - as universidades americanas e a iniciativa privada - visita a High School de Waco - ligeira palestra sobre o valor da língua portuguesa.	http://memoria.bn.br/DocReader/029033_09/20695
19/10/1919	Fim de verão - expectativa de grande número de matrículas nas universidades - Austin e a Universidade do Estado do Texas - o Capitólio de Austin.	http://memoria.bn.br/DocReader/029033_09/21059
09/11/1919	Desconhecimento da língua portuguesa nos Estados Unidos - Joaquim Nabuco propagador da língua portuguesa - o sábio John Casper Branner, grande conhecedor da vida, do idioma e da terra brasileira. Contém fotografia do doutor John Casper Branner.	http://memoria.bn.br/DocReader/029033_09/21249

¹⁵ Sem lugar ao exagero, Gilberto Freyre publicara milhares de artigos na imprensa brasileira; o que não contempla as inúmeras menções ao seu nome em notícias e artigos de terceiros nos jornais. No decorrer de sua vida, Freyre colaborara com veículos como *Diário de Pernambuco*, *Correio da Manhã*, *A Província*, *O Cruzeiro*, *O Estado de São Paulo*, *Folha de São Paulo*, *Jornal da Tarde*, e, também, com o jornal argentino *La Nación*. Para consultar a lista de artigos publicados pelo autor, ver Gaspar e Barbosa (2010).

14/12/1919	Tio Sam, mestre escola do mundo - importância do triângulo vermelho, da Associação Cristã de Moços, na orientação e adaptação dos estudantes estrangeiros. As convenções da ACM.	http://memoria.bn.br/DocReader/029033_09/21576
14/03/1920	Relata sua participação, como representante do Brasil, no oitavo Congresso Internacional de Estudantes realizado na cidade de Des Moines, Iowa, sob os auspícios do Student Volunteer Movement of North America. Datado de Baylor University, Texas, USA. Inverno de 1920.	http://memoria.bn.br/DocReader/029033_10/627
13/06/1920	Análise da sucessão presidencial norte-americana, as possibilidades de cada candidato, o problema da Liga das Nações, a questão dos direitos dos estados, a corrupção eleitoral etc.	http://memoria.bn.br/DocReader/029033_10/1340
15/08/1920	Relata como conheceu pessoalmente a escritora americana Miss Amy Lowell e faz uma análise da sua produção literária.	http://memoria.bn.br/DocReader/029033_10/1788
29/08/1920	Refere-se ao problema da sucessão presidencial nos Estados Unidos, tratando mais detalhadamente dos candidatos: Haring, do Partido Republicano e James M. Cox, do Partido Democrata.	http://memoria.bn.br/DocReader/029033_10/1888
31/10/1920	Crítica literária do livro Na Argentina, de Oliveira Lima. Recensão.	http://memoria.bn.br/DocReader/029033_10/2360
13/02/1921	Descreve detalhadamente todo o conforto de uma viagem feita no Wagon Pulmann.	http://memoria.bn.br/DocReader/029033_10/3168
20/02/1921	Mostra as impressões e sensações colhidas durante visitas e passeios aos mais pitorescos lugares de Nova York.	http://memoria.bn.br/DocReader/029033_10/3220
27/02/1921	Ressalta a grande quantidade de judeus em Nova York e sua influência na vida econômica e social da cidade. Relata ainda a visita feita a Ellis Island, local onde se processa a seleção dos imigrantes recém-desembarcados e denominada por Gilberto Freyre “refinaria de gente”.	http://memoria.bn.br/DocReader/029033_10/3271
06/03/1921	Descreve as consequências de uma carga de neve caída sobre a cidade de Nova York.	http://memoria.bn.br/DocReader/029033_10/3326
13/03/1921	Descreve toda descortesia e movimentação no metrô de Nova York, principalmente por volta das seis da tarde.	http://memoria.bn.br/DocReader/029033_10/3378
20/03/1921	Discorre sobre a polêmica surgida nos meios científicos, sociais e religiosos da América a respeito do movimento a favor da maternidade voluntária (birth control). Cita trabalhos publicados sobre o polêmico assunto por Mrs. Margaret Songer, Mrs. Genevieve Grandcourt e pelo doutor Adolphus Knoppe.	http://memoria.bn.br/DocReader/029033_10/3434
03/04/1921	Relata uma visita feita a casa onde morou Edgar Allan Poe, de 1846 a 1849, em Fordham, quando começa a fase mais amargurada e mais acre da existência de Poe.	http://memoria.bn.br/DocReader/029033_10/3530
10/04/1921	Censura os que escrevem, com certa leviandade, sobre impressões colhidas durante viagens a países estrangeiros, quando apenas viram o lado turístico, superficial, do local visitado.	http://memoria.bn.br/DocReader/029033_10/3584
17/04/1921	Descreve pormenorizadamente a visita feita ao Museu de Arte de Nova York e faz especiais referências a coleção Pierpont Morgan, a seção egípcia e a coleção de arte americana.	http://memoria.bn.br/DocReader/029033_10/3635
01/05/1921	Refere-se ao Sr. Thomas Woodrow Wilson que deixa, alquebrado prematuramente, o cargo de presidente dos Estados Unidos, ao fim de oito anos de governo.	http://memoria.bn.br/DocReader/029033_10/3744
08/05/1921	Comenta detalhadamente uma conferência feita por Rabindranath Tagore, em Nova York.	http://memoria.bn.br/DocReader/029033_10/3790

15/05/1921	Refere-se ao falecimento do líder católico cardeal James Gibbons, homem sem ódios sectários e amado por protestantes e judeus, grande incentivador do parlamento de religião reunido em Chicago, em 1893.	http://memoria.bn.br/DocReader/029033_10/3838
29/05/1921	Crítica a onda de especialização nos mais diversos setores da economia dos Estados Unidos, causando até o aparecimento do médico de família e em seu lugar surgindo o especialista, sendo que no ensino superior a nova mania excede aos limites do senso comum.	http://memoria.bn.br/DocReader/029033_10/3940
05/06/1921	Analisa o discurso pronunciado pelo presidente dos Estados Unidos, ao inaugurar-se no Central Park a estátua de Simon Bolívar, tendo comparecido à cerimônia como representante da Liga Pan-americana de Estudantes.	http://memoria.bn.br/DocReader/029033_10/3992
26/06/1921	Descreve com detalhes seus passeios por Nova York.	http://memoria.bn.br/DocReader/029033_10/4142
04/09/1921	Das suas impressões sobre a cidade de Washington, o melhor exemplo, nos Estados Unidos, das vantagens e desvantagens de uma cidade crescida cientificamente.	http://memoria.bn.br/DocReader/029033_10/4668
11/09/1921	Elogia os novos ares da cidade de Washington, descreve a casa do diplomata Oliveira Lima, localizada em Columbia Hights, e comenta sua relação e admiração para com ele.	http://memoria.bn.br/DocReader/029033_10/4710
18/09/1921	Descreve suas impressões sobre a cidade de Montreal.	http://memoria.bn.br/DocReader/029033_10/4758
23/10/1921	Fala sobre o livro do crítico americano Henry I. Mencken, The American credo, propondo no final que algum psicólogo brasileiro ou não, reúna em livro as crenças do homo brasiliense. Recensão.	http://memoria.bn.br/DocReader/029033_10/5016
30/10/1921	Análise do livro de Mário Sette, Senhora de engenho. Embora declarando-se encantado, acha a linguagem dos personagens muito elaborada e com uma pompa que contraria o seu caráter simples ou simplório. Recensão.	http://memoria.bn.br/DocReader/029033_10/5066
06/11/1921	Descreve as sensações sentidas durante o voo de hidroplano sobre o Lake George.	http://memoria.bn.br/DocReader/029033_10/5120
13/11/1921	Protesta contra as modernas danças americanas (fox-trot, camel walk e outras), por considerá-las bárbaras e sem graça.	http://memoria.bn.br/DocReader/029033_10/5174
20/11/1921	Refere-se a abertura das aulas na Universidade de Columbia, descrevendo os vários tipos de estudantes e professores, cujo contato com tanta variedade de gente é, em si mesmo, uma educação liberal.	http://memoria.bn.br/DocReader/029033_10/5216
27/11/1921	Discorre sobre a nova mania do americano: a "telefonite". Tudo se faz por telefone: negócios, política, tagarelice mundana, consultas profissionais, negócios diplomáticos etc, enxotando dos bons hábitos americanos a cortesia e a arte gentil da conversação.	http://memoria.bn.br/DocReader/029033_10/5266
04/12/1921	Relata suas impressões sobre a Universidade de Princeton, onde esteve representando a Liga Pan-americana de Estudantes e a conferência estudantil sobre o problema do desarmamento.	http://memoria.bn.br/DocReader/029033_10/5316
11/12/1921	A propósito de um artigo aparecido no The Ladies Home Journal, de pura exaltação as qualidades domésticas e femininas de Mrs. Woodrow Wilson, diz que não há delícia maior para uma mulher do que ser governada.	http://memoria.bn.br/DocReader/029033_10/5368
18/12/1921	Refere-se ao momento de silêncio dedicado pela cidade de Nova York à memória dos soldados que morreram na Guerra. Lembra que no Brasil bem que se poderia fazer uma homenagem semelhante na passagem do centenário da independência, em lugar dos discursos e recitativos patrióticos.	http://memoria.bn.br/DocReader/029033_10/5420



15/12/1921	Fala de uma visita feita ao Grand Central Palace durante a exposição de saúde pública, destacando a participação de instituições particulares e a presença feminina nos diversos departamentos.	http://memoria.bn.br/DocReader/029033_10/5472
01/01/1922	Relata uma visita feita a Mrs. Richard Rundle, que residiu durante sua meninice e juventude em um casarão no Andaraí, no Rio de Janeiro. A visita resultou em uma lição de história viva, animada e cheia de interesse.	http://memoria.bn.br/DocReader/029033_10/5524
08/01/1922	Diz não gostar das comparações injuriosas com bichos como símbolos, comparando, a seguir, estilos literários com frutos ou flores. Alguns exemplos: Eça de Queiroz - laranja acre-doce; Ruy Barbosa - mamão mole, over-ripe, mamando xarope; Aníbal Fernandes - cereja, etc.	http://memoria.bn.br/DocReader/029033_10/5577
15/01/1922	Seguindo o método americano de Críticar atribuindo um preço, cita algumas das mais expressivas glórias do mundo artístico, literário, esportivo etc, dando-lhes os preços correspondentes ao seu valor.	http://memoria.bn.br/DocReader/029033_10/5629
22/01/1922	Relata as homenagens recebidas pelo Marechal Foch, durante visita aos Estados Unidos.	http://memoria.bn.br/DocReader/029033_10/5679
29/01/1922	Faz minucioso relato das comemorações Natalinas nos Estados Unidos.	http://memoria.bn.br/DocReader/029033_10/5733
05/02/1922	Crítica as mentiras patrióticas dos compêndios escolares de história.	http://memoria.bn.br/DocReader/029033_10/5781
12/02/1922	Diz ter ido ver como se faz o papel, ficando então a filosofar sobre a maneira como o papel acompanha o homem através da vida e o desperdício verificado no seu uso.	http://memoria.bn.br/DocReader/029033_10/5835
19/02/1922	Comentários sobre o livro A study in mental life, do professor Robert Woodworth. Recensão.	http://memoria.bn.br/DocReader/029033_10/5885
19/03/1922	A propósito do falecimento de Lord James Bryce - autor do livro The American commonwealth, faz uma análise de sua produção literária.	http://memoria.bn.gov.br/DocReader/029033_10/6069
26/02/1922	Comentários sobre o psicólogo W. L. George.	http://memoria.bn.br/DocReader/029033_10/5935
26/03/1922	Comentários sobre a Biblioteca Pública de Nova York e seu rico acervo. Destaca a coleção genealógica, a seção de literatura infantil e a quase ausência de livros e publicações em português.	http://memoria.bn.br/DocReader/029033_10/6119
02/04/1922	A propósito do falecimento do Papa Benedito XV, faz alguns comentários sobre a história do papado.	http://memoria.bn.br/DocReader/029033_10/6170
09/04/1922	Comentários sobre a apresentação da ópera Salomé, na Manhattan Opera House.	http://memoria.bn.br/DocReader/029033_10/6226
16/04/1922	Lamenta a morte do geólogo John Casper Branner, grande conhecedor da vida e da terra do Brasil. Embora não o tenha conhecido pessoalmente, com ele manteve uma proveitosa amizade puramente epistolar.	http://memoria.bn.br/DocReader/029033_10/6262
23/04/1922	Apreciações acerca do intenso movimento teatral em Nova York, apesar da ação fiscalizadora do puritanismo.	http://memoria.bn.br/DocReader/029033_10/6311
30/04/1922	Observações a propósito do livro de M. Oliveira Lima: História da civilização: traços gerais. Recensão.	http://memoria.bn.br/DocReader/029033_10/6361
30/07/1922	A propósito da peça teatral de autoria do jornalista inglês Arnold Bennett, What the public wants, - um irreverente estudo do jornalismo inglês. Faz um comparativo com o sensacionalismo da imprensa jornalística americana.	http://memoria.bn.br/DocReader/029033_10/6914

06/08/1922	Fala da sensação causada nos Estados Unidos pelo livro <i>Batouala</i> , escrito por René Maran, um dos primeiros negros a surpreender o mundo com a excelência de sua arte literária.	http://memoria.bn.br/DocReader/029033_10/6960
13/08/1922	Diz ser o chamado teatro nacional apenas uma promessa, pois não possuímos nada de definitivo em literatura dramática. Daí considerar como procedentes as críticas do Sr. Isaac Goldberg, em artigo publicado no jornal <i>Christian Science Monitor</i> , onde contesta a fama de dramaturgo do Sr. Cláudio de Souza.	http://memoria.bn.br/DocReader/029033_10/7007
20/08/1922	Minucioso relato de uma visita a poetisa Miss Amy Lowell, em sua residência no Brooklin, perto de Boston.	http://memoria.bn.br/DocReader/029033_10/7054

*As descrições dos temas dos artigos publicados são de autoria de Gaspar e Barbosa (2010) e encontram-se reunidas em *Gilberto Freyre, Jornalista: uma Biografia*, com exceção à descrição, de minha autoria, referente ao artigo publicado em 11 de setembro de 1921, e que não se encontra citado em Gaspar e Barbosa (2010). O texto fora encontrado durante o levantamento realizado para esta pesquisa na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

Fonte: Gaspar e Barbosa (2010); Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional (2025).

Primeiras Impressões: Gilberto Freyre desde a “Outra” América

A primeira vez que Gilberto Freyre aparecera em um dos mais prestigiosos veículos de imprensa do Nordeste, o *Diário de Pernambuco*, fora ainda em 28 de fevereiro de 1918. À época o “aplicado jovem Gilberto M. Freyre”, como o citara a pequena nota no jornal, encontrava-se ainda em terras recifenses e acabara de formar-se no Colégio Batista. Orador da turma, que tivera ao ministro Oliveira Lima como paraninfo, Freyre remetera ao jornal o seu discurso, que fora apreciado e digno de nota. A pequena menção na terceira página do jornal representa um prenúncio do que estaria por vir: sob influência de Oliveira Lima, com bolsa da Igreja Batista e auxílio de sua família no Brasil (CHACON, 1993), Freyre emigrara para os Estados Unidos para completar os estudos superiores, e tornara-se um importante colaborador do “Jornal mais antigo em circulação na América Latina. Fundado em 1825”, conforme anuncia a primeira página do veículo (FREYRE, 28/02/1918).

As contribuições de Freyre ao *Diário de Pernambuco* tiveram início em novembro daquele mesmo ano e findariam apenas em 19 de julho de 1987, a mais longa parceria do intelectual que falecera um dia antes e tivera no *Diário de Pernambuco* a publicação de seu último artigo: *Meu querido Lula Cardoso Ayres*. Companheiro de toda trajetória intelectual do autor – do início de sua formação ainda jovem aos 18 anos, em terras estrangeiras, até o final de sua vida – as páginas deste jornal são material rico à compreensão do desenvolvimento e das diferentes fases daquele que chegara a ocupar o cargo de seu editor. Aqui, nos deteremos



apenas ao primeiro ato do ainda jovem e estudante Freyre, a coluna dominical intitulada *Da Outra América*, publicada de 3 de novembro de 1918 a 20 de agosto de 1922.

Os primeiros textos de *Da Outra América* ocupam as páginas do jornal como cartas remetidas desde o estrangeiro. Nelas Freyre assemelha-se às narrativas de viagem, dos livros de viajantes, observando com certa admiração e curiosidade as cores e formas locais, a paisagem e o clima, com olhos de quem se depara com um mundo de novidades, pois diferente daquele com o qual estava acostumado. A neve, as chaminés, o riso largo americano¹⁶, o imaginário da guerra... ganham a sua atenção. A explosão de estímulos pelos quais o viajante se vira submetido dá lugar a relatos fragmentados – escritos com leveza – que pulam quase que abruptamente de um tema a outro. A sensação que transmite ao leitor é a de que há muito a ser visto e, por isso, também, a ser escrito.

Ao passar dos meses, na coluna dominical observa-se a transição do deslumbramento à curiosidade pelo funcionamento e organização daquela outra “América”. Acompanhado ou não de um cicerone, Freyre aventura-se a ir a todos os cantos, comparando aquela América com a sua. As primeiras investidas do colunista, a esse respeito, foram o sistema de ensino aqui e lá – universo mais próximo de sua realidade imediata. No que se refere à educação, Freyre atribui superioridade ao sistema de ensino estadunidense, baseado na coeducação, no sistema de honra – no qual “não se compreende a formação da inteligência sem a formação do caráter” – e na ausência de monotonia e banalidade no ambiente universitário, que a seu ver proporcionava aos estudantes o acesso a figuras intelectuais (como Joaquim Nabuco e Oliveira Lima) e de toda sorte relevantes à ordem do dia, além de uma vida social ativa.

Não deixa também de observar, comparativamente, o acelerado ritmo de um “país em que os relógios saem dos bolsos de cinco em cinco minutos” (FREYRE, 29/05/1919, p. 3, p. 2) e os efeitos do meio ou do clima:

¹⁶Na coluna de 16 de fevereiro de 1919, Freyre escrevera sobre o otimismo americano. As impressões do autor, naquele momento, partem do estranhamento ou da alteridade, com a qual Bastos (1998) identifica o olhar de Lévi-Strauss em *Tristes Trópicos*. Não há no jovem Freyre, no entanto, atribuição negativa à diferença, mas curiosidade. Na coluna daquele domingo, o viajante escrevera: “Era a neve. Neve! Neve! Como ela faz a gente alegre! Toda a pessoa que encontrei naquela manhã de neve disse-me bom dia com um claro sorriso. O americano é um povo alegre. Regala-se com a coisas comuns da vida. Olha o mundo como uma criança olha uma loja de brinquedos: de cara risonha e olhos arregalados. Tudo lhe parece bonito. Lêde um romance ianque. É otimista. [...] Nenhum escritor mais americano de que Mark Twain. Nenhum mais saborosamente chistoso. Sua filosofia sorri para tudo. [...] Não há povo mais otimista. Nem o inglês, que é seu consanguíneo. O inglês? É o inverso. Guarda um puritanismo de maneiras – puritanismo e não finura como francês – para o qual a gargalhada é quase um pecado”; ver Freyre (16/02/1919, p. 3).



O encanto desse variar de paisagem, nós tropicais, acostumados a uma natureza perpetuamente em flor, desconhecemos nos nossos países nativos. [...] Aqui, não. A natureza muda. O tempo e a paisagem mudam. E essa mudança de estações a tudo afeta: as modas de roupa, as de chapéu, as de calçado, o estilo dos autos, os esportes; os divertimentos. (FREYRE, 4/05/1919, p. 1).

De meados de 1919 a fevereiro de 1921, um Freyre já adaptado à vida na América do Norte se arrisca em interpretações que extrapolam os efeitos do clima e as clivagens da paisagem, realizando visitas a instituições de seu interesse para compreendê-las. Ao falar sobre o sistema de ensino das *High School* “americanas”, Freyre faz aparecer já alguns embriões que ganhariam vulto dentre seus interesses intelectuais, no decorrer dos anos como estudante e, também, posteriormente, como a vida de menino no Brasil, a valorização do trabalho manual (“neste país de Lincoln, o lenhador e Franklin, o saboeiro”) e a “divisão de cor” (FREYRE, 31/08/1919), naquela época institucionalizada – cabendo aqui observar a vivência do autor no Sul dos Estados Unidos, como estudante da Universidade de Baylor, residente em Waco, no Texas, e no Norte, como estudante da Universidade de Columbia, residente em Nova York¹⁷.

Não só de elogios fizeram-se os textos da coluna freyriana no *Diário de Pernambuco*. Falara, sim, elogiosamente do reconhecimento do Dr. John Casper Branner sobre a cultura e a vida brasileira; mas criticara a “ignorância pasmosa” da academia estadunidense sobre a língua portuguesa, quase “língua clandestina” (FREYRE, 9/11/1919, p. 1). Levando àquele país algo do seu, Freyre publicara, em outubro de 1919, em inglês, um artigo no *Waco News Tribune* sobre o brasileiro Santos Dumont e o pan-americanismo, mais tarde traduzido para o português e publicado no *Diário de Pernambuco*, aqui intitulado *O Brasil e a aeronáutica*. Também no *Waco News Tribune* publicara um texto sobre *As mulheres sul-americanas*, em que comentara o discurso da Dra. Clyde Clark; texto traduzido para o *Diário de Pernambuco* e publicado em uma terça-feira (06 de janeiro de 1920).

O voto feminino, a literatura estadunidense, a religião (de católicos, judeus, protestantes), as questões raciais, a representação brasileira – exercida por ele – no 8º Congresso Internacional de Estudantes, realizado nos Estados Unidos, foram temas reportados pelo intelectual em formação ao *Diário de Pernambuco*. O último ano de Gilberto Freyre

¹⁷Em 14 de dezembro de 1919, ao referir-se às convenções de estudantes em universidades do Norte dos Estados Unidos, Freyre escrevera para *Da Outra América* que “Em última análise a humanidade é uma só. É “mais igual” do que se pensa [...] agrupam-se no mais singular baralhamento de contrastes fisionômicos, caras de todas as cores, tipos de todas as raças”.

como estudante de bacharelado na Universidade de Baylor coincidiria com a corrida presidencial nos Estados Unidos. Neste contexto e dotado de maior confiança, o jovem intelectual aventurara-se em inteirar o leitor brasileiro sobre o cenário político daquele país, tratando de caracterizar candidatos, apresentar as disputas ideológicas entre partidos, tocando questões acerca da Liga das Nações, da comercialização de bebidas, da corrupção e da plutocracia: temas que para Freyre ocupavam o centro daquele debate político nacional¹⁸.

Sem um tema definido para a coluna – cultura, política, economia, ciência – *Da Outra América* reunira as impressões do autor na experiência de desterro, dotando-o de liberdade. A mudança de Gilberto Freyre de Waco para Nova York, para cursar o mestrado na Universidade de Colúmbia, trouxera de volta a narrativa da paisagem¹⁹, o alumbramento e a curiosidade do jovem “provinciano encontrado na maior das cidades”, com “garra de *‘mirar algo novo’*”, “guloso” diante das “oportunidades educadoras e gozos intelectuais”, a narrar o “suco das impressões”, como um “guia intelectual”. Nas ruas da cidade, Freyre identifica um *locus* de estudo, onde “Não se esgotam com estes os exemplos de sensações de cor e de exemplos de sensações variadas de cor e de paisagem que se recebem em Nova York, **em vinte e quatro horas de estudo fácil. A colheita de tipos humanos interessantes é farta e como eles variam!**” (FREYRE, 20/02/1921, p. 3, **grifo nosso**).

Desde Nova York Freyre redigira também artigos em que estabelecera maior diálogo entre a realidade “americana” e as investigações sociais. Em texto que trata dos judeus naquela que se consolidara como principal centro econômico e cultural do país, Freyre observara a imigração de israelenses – vítimas do antissemitismo – como problema sociológico, interessante aos estudantes de psicologia social²⁰. Em outro artiguete escrevera

¹⁸Ver coluna publicada, no *Diário de Pernambuco*, em 13 de junho de 1920 e 29 de agosto de 1920.

¹⁹Na coluna publicada em 13 de fevereiro de 1921, Freyre narra detalhadamente o traslado de uma cidade a outra a bordo do *Wagon Pullman*.

²⁰Cita-se o autor: “**A cada onda de antissemitismo que se levanta na Europa parece ser Nova York a Canaã a que veem em maior número as vítimas de um ódio de raça que, pela persistência e pela variedade de aspectos, continua a ser problema interessantíssimo para os estudantes de psicologia social.** É por isto que Nova York tem hoje, entre os seus seis milhões de habitantes, quase um milhão de judeus. [...] É em Ellis Island – pequena ilha da baía de New York, perto à falada estátua da Liberdade – que os imigrantes são submetidos à, cada dia, mais difíceis exigências de seleção, por meio das quais os Estados Unidos procuram apropriar-se somente do elemento capaz de colaborar no seu progresso e de manter alto o padrão americano de eficiência econômica e de saúde física e moral. **É sociologia copiando da biologia a lei da vitória do mais apto. Por isso chamei a Ellis Island refinaria de gente.** [...] Ellis Island não é somente a ilha da seleção; lá recebem também os imigrantes os primeiros toques de americanização. [...] Discursos em linguagem clara, vertidos ao hebraico e ao italiano – as duas línguas de mais larga representação entre os dois mil recém-vindos [imigrantes]. É assim que o americano começa a americanizar aos estrangeiros...processos de digestão social”. Ver Freyre (27/02/1921, p. 2, **grifo nosso**).

sobre a questão da maternidade voluntária e do controle de natalidade, dos quais se inteirara em seus estudos de sociologia:

Com a minha mania investigadora dei-me ao trabalho – que cedo se converteu num gozo – de visitar o centro de propaganda de maternidade voluntária e de conversar com as senhoras que publicam a revista do centro, tendo desta maneira colhido uma impressão direta e pessoal do movimento. [...] dedicarei a outra metade deste artigo aos aspectos econômico-social e biológico do problema. [...] não vejo como atacar a teoria da maternidade voluntária sob o ponto de vista de suas consequências biológico-econômico-sociais [...] Resta investigar os efeitos psicológicos [...] (FREYRE, 20/03/1921, p. 3).

Em 1921, a coluna dominical de Gilberto Freyre no *Diário de Pernambuco* fora publicada com mais regularidade, sendo o ano com o maior número de publicações do autor (vinte e oito), quando comparada com os anos anteriores – 1918 (um artigo), 1919 (nove artigos) e 1920 (cinco artigos) – e com o sucessor 1922, em que Freyre publicara vinte textos. Ganhou também em confiança as publicações de 1921, com o agora jovem mestrando de Nova York publicando escritos de opinião sobre arte e cultura²¹, política e democracia²², perfis de figuras proeminentes²³ e relatando seu posicionamento em diálogo com professores, como a escritora Miss Scarborough²⁴, a qual ele admirava. Freyre demonstrara maior erudição em seus textos, mesclando o conhecimento de um leitor habituado e de um estudante aplicado e curioso por generalidades, se fazendo mais assertivo e também mais gracioso nas palavras (às vezes com ironia), característica que se fizera presente em suas obras, porvindouras, de análise sócio histórica.

Mas fora o tom da crônica que caracterizara a coluna dominical, nela construíra caricaturas dos tipos e personagens do campus da Universidade de Colúmbia, dentre os quais

²¹Em 17 de abril de 1921, o autor dedica-se a escrever artigo (relativamente longo) em sua coluna acerca do Museu de Arte de Nova York – *Metropolitan* – e a coleção particular de Pierpont Morgan.

²²Com o fim do governo presidencial do republicano Thomas Woodrow Wilson, Freyre afirmara que “o sistema democrático é desfavorável à “leadership” do homem de gênio, do herói providencial, do “Real-Superior” [...] do qual tanto tem dependido o progresso humano. O Sr. Wilson fez alguma coisa, porém teve de deixar a meio sua obra. Assim quiseram os mediocres”. Já em outra de suas publicações, Freyre narrara orgulhosamente o diálogo que tivera com o Príncipe de Mônaco Alberto I, aquele mesmo mês, referindo-se a D. Pedro como seu imperador. Ver artigos publicados na coluna em 1 de maio de 1921 e 26 de junho de 1921.

²³Os textos em que escreve sobre personalidades (de diferentes nacionalidades) se tornaram usuais, seja pelo ambiente político onde estivera inserido (tratando de Thomas Woodrow Wilson); pelos contatos artísticos e intelectuais que estabelecera, escrevendo ora sobre Rabindranath ora sobre Oliveira Lima; pelos acontecimentos religiosos do dia, tendo comentado a vida do líder católico James Gibbons, etc. Ver artigos publicados na coluna em 8, 15 e 22 de maio de 1921.

²⁴O diálogo de Freyre com a professora e escritora Miss Scarborough sobre a viagem e os livros de viajantes, publicado no jornal em 10 de abril de 1921, apresenta a percepção do autor sobre o olhar do turista e a superficialidade de muitos dos livros de viagens publicados nos Estados Unidos. Essa questão voltará a ser abordada adiante.



foram citados os professores Giddings, “conhecida autoridade da Sociologia”; Sellingman, “o maior economista americano”; e Franz Boas “o antropologista ilustre”, que reunidos com tão variados tipos de estudantes, representavam aos olhos de Freyre “uma educação liberal” (FREYRE, 20/11/1921, p. 3). Também, embebido por leituras como *The American Credo*, da autoria de Henry L. Mencken, Freyre tratara o “*homo* americanos” como o “americano vulgar, o da imensa maioria”, fundamentalmente caracterizado pela “ansiedade de subir de posição social”.

É, portanto, em outubro de 1921, em que Freyre traz à reflexão *Da Outra América* a questão do caráter nacional. Inicialmente comentando a obra supramencionada, que lhe despertaria o desejo de “reunir as crenças do ‘homo brasiliensis’”, e também, posteriormente, comentando a renomada obra de tema regionalista intitulada *Senhora de Engenho*, do brasileiro Mário Sette (FREYRE, 30/10/1921, p. 1). As publicações de Freyre realizadas ao final desse ano se concentraram em temática amplamente citada ao falarem os estudiosos da vida e obra freyriana: o conservadorismo e tradicionalismo do autor frente à modernidade.

As colocações de Freyre como correspondente do *Diário de Pernambuco* no exterior, contudo, intercalam elogios à especialização dos serviços com críticas à especialização do trabalho e da formação – capaz, nas palavras dele, de “estreitar os horizontes mentais do indivíduo” (FREYRE, 29/05/1921, p. 3). De um lado, o elogio ao planejamento urbano, a fluidez do espaço e paisagismo das árvores de Washington (FREYRE, 4/09/1921, p. 1). De outro lado, a crítica às remodelações de novas e antigas cidades e à ação de remodeladores, a quem considera “gente que deve ir para o purgatório quando não para o inferno” (FREYRE, 18/09/1921, p. 1). E, ainda, a exaltação das tradições e cores locais (FREYRE, 11/09/1921, p. 3), que tivera centralidade no Movimento Regionalista do Nordeste, o qual Freyre viera a articular naquela década.

Ao nascer de 1922, imprimira o *Diário de Pernambuco* texto elaborado por Freyre em novembro do ano anterior. Nele, entre outras coisas, o autor retoma um tema que já havia mencionado outrora no jornal: a desnacionalização. Na coluna de 1 de janeiro de seu último ano como estudante brasileiro em Colúmbia, lê-se sobre a gastronomia – temática cara a Gilberto Freyre, para a qual ele reservara espaço em muitos dos livros que viera a publicar:

Quando visitei, em Washintgon, ao sr. Oliveira Lima, perguntou-me o historiador se eu tinha ainda muitas saudades dos pratos brasileiros. E, à proposito, recordou o que dissera Eduardo Prado que **o paladar é a última coisa no homem que se desnacionaliza**. E é. Mrs. Rundle que deixou o Brasil há mais de sessenta anos ainda tem saudades de galinha



ensopada, de fritada de camarão, de “fios de ouro”, de outras delicias neotáreas que fazem honra ao forno e ao fogão de nossa terra. (FREYRE, 1/01/1922, p. 3, **grifo nosso**).

Fora neste texto, além disso, acerca de uma simples conversa que tivera com uma senhora brasileira, em um sobrado na Madison Avenue, que Freyre explicita e justifica algo que estivera difusamente presente nas entrelinhas de sua coluna dominical. Ao que cabe aqui, uma vez mais, reproduzir suas palavras:

E foi “*sous le charme*” dessa conversa de reminiscência que deixei o apartamento quieto de Mrs. Rundle, beijando-lhe antes a destra que ela me estendera, num gesto gracioso. **De que me falara a boa senhora? De pequenos nada. De pormenores. De frivolidades. De “nuances infinitesimais”, como diria o puro Verlaine. Porém é mesmo Verlaine que nos fala da “importance très serieuse” das “nuances”, dos pequenos nada, dos pormenores.** (FREYRE, 1/01/1922, p. 3, **grifo nosso**).

A crônica dos pequenos acontecimentos e os comentários de nuances e pormenores, dariam lugar ao detalhe, ao estudo dos gestos, dos costumes, das relações interpessoais, dos temperos, dos objetos... antevisão da abordagem que Freyre oferecera, pouco mais de uma década depois, à sócio história do Brasil. O que remete a mais um de seus artigos *Da Outra América no Diário de Pernambuco*, em que Freyre abordara particularmente o estudo e o ensino da História:

Temo que me haja embotado o patriotismo a permanência no estrangeiro, porém, não vejo, palavra de honra que não vejo (e por mais que simpatize, com as pessoas, e admire o talento, dos autores), o valor de ensinar “Nossa Pátria” e o “Porque me ufano de meu País”. Pinta-se ali o Brasil, país de todas as virtudes imagináveis, com todas as riquezas, das Mil e Uma Noites [...] Isto não é história: duvido que seja patriotismo. Porém história, não é. [...] Reduzir a mero instrumento de patriotismo um estudo que tanto pode fazer, quando livre, para criar, entre os povos, visão católica e simpatia mutua, é roubar-lhe a virtude, além do valor cultural. (FREYRE, 5/02/1922, p. 1).

Os anos de Gilberto Freyre, como jovem mestrando, trouxeram para a sua coluna no jornal pequenas amostras da abertura de horizontes temáticos e de relativo aprofundamento em sua abordagem. As passagens extraídas de artigos por ele publicados em 1922 – aqui reproduzidos – enunciam perspectivas teóricas mais tarde desenvolvidas pelo autor. A ênfase se faz necessária no que se refere ao entrelaçamento freyriano entre história e sociologia e à importância por ele atribuída às relações e acontecimentos ordinários – cotidianos – que ganharam tonalidades chistosas, mas que o autor viera a tratar como fontes de pesquisa e investigação em seus estudos e análises.

Por fim, cabe observar ainda a conversa do estudante Gilberto Freyre com a escritora e sua professora Miss. Scarborough, na casa dela. O tema? A viagem e os livros de viajantes. Rodeado por senhoras sulistas e com uma xícara de chá a mão, Freyre tecera em observação que o americano não aprendera a viajar, motivo pelo qual, eram pobres os livros de viagem que se publicavam ali “às rumas”: turista que “pensa que é inferior tudo o que encontra diferente do que está acostumado a ver em ‘Broadway’ ou em ‘Main Street’”. Consentindo com o estudante, a professora relatara seus planos de viagem para a seguir, afirmando querer “ver na intimidade, dentro da casa, no lar, os sul-americanos da alta classe. Quero sentir-lhes o espírito e a qualidade. Estas não se surpreendem, como senhor diz, na promiscuidade das ruas e dos hotéis” (FREYRE, 10/04/1921, p. 3).

É certo que o caso fora narrado pelo próprio Gilberto Freyre, mas, se ocorrera “como o senhor diz”, demonstra sua adaptação ao meio acadêmico estadunidense, seu convívio em meio aos colegas e professores, sua participação em eventos e reuniões. Todavia, o que se destaca neste excerto – para além da viagem e da literatura de viagem – é seu caráter indiciário: fora o interior das casas e da vida íntima dos sul-americanos de alta classe que Freyre viera a estudar. Ao procurar compreender a história, cultura e sociedade brasileiras, o fizera a partir da vida familiar dos senhores da casa-grande, dos donos das casas, das terras, das mulheres, dos escravos (FREYRE, 2016). E o fizera, conforme conta, pois queria compreender o mundo e as histórias que seus avós lhe contaram sobre um “outro” Brasil.

Considerações Finais

A viagem de Gilberto de Mello Freyre recém-formado pelo Colégio Batista, orador da turma e (ao que parece) desembaraçado rapaz aos Estados Unidos proporcionara àquele viajante de poltrona a abertura de novos horizontes. A experiência do desterro, conforme observara Melo (2017), forçara-o à impertinência do olhar, ou seja, o deslocamento de quem olha em relação ao objeto que observa. Naquela “outra América” Freyre se deparara com um novo repertório de clima, paisagens, valores, roupas e costumes que vira, ao mesmo tempo, com estranhamento e curiosidade.

Como colunista no *Diário de Pernambuco*, tornara-se, ele mesmo, um escritor-viajante, narrando com os olhos de um brasileiro do Recife a vida do “outro”, como faziam os escritores de livros e relatos de viagem – das narrativas mal escritas, mas



construídas com candura – que lhe eram tão familiares. A viagem, portanto, cumprira dupla finalidade: servira-lhe, por um lado, para despertar a curiosidade no mundo e para informá-lo das coisas do mundo, tornando-se, inclusive, companheira de estudos nas pesquisas históricas e sociológicas que realizara; por outro lado, servira-o a sua autoconstrução, para além dos ambientes universitários que Baylor e Columbia o proporcionaram: as ruas do estrangeiro foram, para Freyre, lugar de “estudo fácil”.

Como estudante universitário e colaborador do *Diário de Pernambuco*, Freyre tornara-se um intelectual viajante. Seus artigos na coluna dominical *Da Outra América*, publicados de 1918 a 1922, permitem observar o paulatino amadurecimento do autor: o ganho de confiança ao escrever e expor seus pensamentos, a mudança do formato de correspondência utilizado – das cartas às crônicas –, o câmbio do interesse das paisagens e do clima às instituições, à política, à imigração, à cultura, às questões de gênero, à raça. Freyre mesclara a seus interesses de juventude e a seu gosto pela viagem com a diversidade de estímulos a que estivera submetido: aos estímulos próprios de uma nação onde as chaminés, os relógios, o metrô e a rapidez das ruas representavam o advento da modernidade, mas, também, aos estímulos intelectuais das salas de aula e dos campi universitários.

História, Antropologia Cultural e Psicologia – disciplinas que o jovem Freyre cursara na Universidade – passam a aparecer nas colunas de seu tempo como mestrando, como indícios das perspectivas teóricas e esboços de pensamento do jovem pesquisador. Resenhas de livros, palestras e “caricaturas” de professores da Universidade de Columbia foram impressas nas páginas do *Diário de Pernambuco*, remetidas desde a outra América por Gilberto Freyre. Afeito à literatura de viagem, Freyre a utilizara – com olhos de pesquisador – como fonte de suas pesquisas, procurando compreender a história, a cultura, a vida mental, os afetos. Embora o uso que faz dos livros de viagem apresente limites, por se tratarem essas fontes do olhar do estrangeiro, Freyre demonstrara também uma perspectiva crítica aos preconceitos e à superficialidade das generalizações simplificadoras feitas neste tipo de literatura.

Ao relatar sua tarde de conversa e chá com Miss Scaborough para a coluna *Da Outra América*, Freyre comentara com seu leitor que:

Em viagem ou estudo em terra estrangeira precisa o indivíduo guardar-se da ligeireza de opinião, trocando-a pelo que o americano chama de earnestness que é a vontade de ir ao fundo das coisas. Disto o próprio americano precisa quando em viagem por nossas terras, especialmente se pertence [...] à profissão borboleteante de jornalista, ou ali vai como



sisudo missionário, esperando encontrar a edição viva e talvez melhorada do “Inferno” de Dante. É a “earnestness” que livra um “touriste”, ao desembarcar no Cais Martins, ou no Cais Mauá, no meio de catraeiros de pés no chão, homens de cor quase todos, alguns rotos, e todos a berrar, de logo escrever a lápis no seu “carnê”: No Brasil todo mundo é mulato, anda descalço, meio roto e berra.

À “earnestness” junte-se o ecletismo de opiniões morais, disposição de ler os próprios jornais da terra [...] e misturar-se com o povo, de aprender-lhe o idioma e os hábitos, e teremos as qualidades de que precisamos todos os que escrevemos... sobre “os outros”. (FREYRE, 10/04/1921, p. 3).

Propõe ao viajante, como *earnestness*, o exercício de tornar o estranho familiar e compreende que falta ao “americano” – esse o norte americano – olhar para as terras brasileiras com olhos de ver, com “vontade de ir ao fundo das coisas”. Fora também a respeito dessa conversa – entre Freyre e Miss Scaborough e entre o escritor e seu leitor – que ele revelara sentir-se tão à vontade naquele país, que “os outros” tornaram-se para ele “gente de casa”. Em *Da Outra América*, ao redor de quatro anos, Freyre compartilhara com a audiência brasileira o exercício de familiarização com aquela que se tornara, por um momento, também a sua América. O alumbramento inicial com a novidade dera lugar à crítica aos vícios e à padronização da modernidade, ao final de sua estadia nos Estados Unidos; crítica essa já amplamente referenciada pelos estudiosos de sua obra.

Referências

BASTOS, Cristiana. Tristes trópicos e alegres luso-tropicalismos: das notas de viagem em Lévi-Strauss e Gilberto Freyre. *Análise Social*, v. 33, n. 146/147, pp. 415-432, 1998.

BASTOS, Elide Rugai. Gilberto Freyre e as Ciências Sociais no Brasil. *Estudos de Sociologia*, Revista do Prog. De Pós-Graduação em Sociologia da UFPE, v. 1, pp. 63-72, 1995.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. 1986; In: FIGUEIREDO, Janaina. P. A. B; FERREIRA, Marieta de M. (Orgs). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2006. pp. 183-191

BOYER, M. **História do turismo de massa**. Brasil: EDUSC, 2003.

CHACON, Vamireh. **Gilberto Freyre: uma biografia intelectual**. Recife: FUNDAJ, Ed. Massangana; São Paulo: Ed. Nacional, 1993.

FREYRE, Gilberto de Mello. **Casa-grande e senzala: formação da família brasileira sobre o regime da economia patriarcal**. São Paulo: Editora Global, 2016.

FREYRE, Gilberto. Da Outra América. **Diário de Pernambuco**, 16 de fevereiro de 1919, Edição 45, página 3. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/029033_09/19235>. Acesso em janeiro de 2024.

_____. Da Outra América. **Diário de Pernambuco**, 4 de maio de 1919, Edição 117, página 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/029033_09/19765>. Acesso em janeiro de 2024.



_____. Da Outra América. **Diário de Pernambuco**, 29 de maio de 1919, Edição 142, página 3. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/029033_09/19967>. Acesso em janeiro de 2024.

_____. Da Outra América. **Diário de Pernambuco**, 31 de agosto de 1919. Edição 135, página 2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/029033_09/20695>. Acesso em janeiro de 2024.

_____. Da Outra América. **Diário de Pernambuco**, 09 de novembro de 1919, Edição 303, página 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/029033_09/21249>. Acesso em janeiro de 2024.

_____. Da Outra América. **Diário de Pernambuco**, 14 de dezembro de 1919, Edição 338, página 3. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/029033_09/21576>. Acesso em janeiro de 2024.

_____. Da Outra América. **Diário de Pernambuco**, 13 de junho de 1920, Edição 158, página 3. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/029033_10/1340>. Acesso em janeiro de 2024.

_____. Da Outra América. **Diário de Pernambuco**, 29 de agosto de 1920, Edição 236, página 3. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/029033_10/1888>. Acesso em janeiro de 2024.

_____. Da Outra América. **Diário de Pernambuco**, 13 de fevereiro de 1921, Edição 41, página 3. Disponível em: <http://memoria.bn.gov.br/docreader/029033_10/3168>. Acesso em janeiro de 2024.

_____. Da Outra América. **Diário de Pernambuco**, 20 de fevereiro de 1921, Edição 48, página 3. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/029033_10/3220>. Acesso em janeiro de 2024.

_____. Da Outra América. **Diário de Pernambuco**, 27 de fevereiro de 1921, Edição 55, página 2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/029033_10/3271>. Acesso em janeiro de 2024.

_____. Da Outra América. **Diário de Pernambuco**, 20 de março de 1921. Edição 76, página 3. Disponível em: <<https://acesse.one/DaOutraAmerica-20-03-1919>>. Acesso em janeiro de 2024.

_____. Da Outra América. **Diário de Pernambuco**, 10 de abril de 1921, Edição 94, página 3. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/029033_10/3584>. Acesso em janeiro de 2024.

_____. Da Outra América. **Diário de Pernambuco**, 17 de abril de 1921, Edição 101, página 2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/029033_10/3635>. Acesso em janeiro de 2024.

_____. Da Outra América. **Diário de Pernambuco**, 1 de maio de 1921, Edição 115, página 3. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/029033_10/3744>. Acesso em janeiro de 2024.

_____. Da Outra América. **Diário de Pernambuco**, 8 de maio de 1921, Edição 121, página 3. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/029033_10/3790>. Acesso em janeiro de 2024.

_____. Da Outra América. **Diário de Pernambuco**, 15 de maio de 1921, Edição 128, página 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/029033_10/3838>. Acesso em janeiro de 2024.

_____. Da Outra América. **Diário de Pernambuco**, 22 de maio de 1921, Edição 135, página 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/029033_10/3890>. Acesso em janeiro de 2024.

_____. Da Outra América. **Diário de Pernambuco**, 29 de maio de 1921, Edição 142, página 3. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/029033_10/3940>. Acesso em janeiro de 2024.

_____. Da Outra América. **Diário de Pernambuco**, 26 de junho de 1921, Edição 171, página 3. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=029033_10&pagfis=4142>. Acesso em janeiro de 2024.

_____. Da Outra América. **Diário de Pernambuco**, 4 de setembro de 1921 Edição 236, página 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/029033_10/4668>. Acesso em janeiro de 2024.



_____. Da Outra América. **Diário de Pernambuco**, 11 de setembro 1921, Edição 241, página 3. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/029033_10/4710>. Acesso em janeiro de 2024.

_____. Da Outra América. **Diário de Pernambuco**, 18 de setembro de 1921, Edição 247, página 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/029033_10/4758>. Acesso em janeiro de 2024.

_____. Da Outra América. **Diário de Pernambuco**, 30 de outubro de 1921, Edição 283, página 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/029033_10/5066>. Acesso em janeiro de 2024.

_____. Da Outra América. **Diário de Pernambuco**, 20 de novembro de 1921, Edição 300, página 3. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/029033_10/5216>. Acesso em janeiro de 2024.

_____. Da Outra América. **Diário de Pernambuco**, 1 de janeiro de 1922, Edição 1, página 3. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/029033_10/5524>. Acesso em janeiro de 2024.

_____. Da Outra América. **Diário de Pernambuco**, 5 de fevereiro de 1922, Edição 31, página 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/029033_10/5781>. Acesso em janeiro de 2024.

_____. **Sobrados e Mucambos: decadência do patriarcado e desenvolvimento do urbano**. São Paulo: Editora Global, 2004.

_____. **Tempos mortos e outros tempos – trechos de um diário de adolescência e primeira mocidade, 1915-1930**. [Ebook] São Paulo: Editora Global, 2012.

GASPAR, Lúcia; BARBOSA, Virgínia (Orgs.). **Gilberto Freyre, Jornalista: uma biografia**. Brasil: Fundação Joaquim Nabuco, 2010.

HOBBSAWN, E. **A era do capital: 1848-1875**. 10ª Edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 2004: 96.

IANNI, Otavio. A metáfora da viagem. In: _____. *Enigmas da Modernidade-Mundo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. pp. 11-31.

MELO, Alfredo Cesar. A outra América de Gilberto Freyre. *Revista USP*, n. 112, p. 55-66, 2017.

MILLS, Charles Wright. **A imaginação sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.

PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. “Um livro marcante” ou uma autobiografia à prestação. In: FREYRE, Gilberto. **Tempos mortos e outros tempos – trechos de um diário de adolescência e primeira mocidade, 1915-1930**. [Ebook] São Paulo: Editora Global, 2012.

PRATT, Mary Louise. **Os olhos do Império: relatos de viagem e transculturação**. Bauru> EDUSC, 1999.

PREUSS, Ori. **Transnational South America: Experiences, Ideas, and Identities, 1860s-1900s**. Nova York: Routledge, 2016.

SANTOS, Luiz Antonio de Castro. O espírito da aldeia – o orgulho ferido e a vaidade na trajetória de Gilberto Freyre. *Novos Estudos Cebrap*, 1990.

SILVA, Alexandra Lima da. Intelectuais viajantes: caminhos para uma história da educação na América Latina. *Intellèctus*, ano XIV, n. 1, 2015, p. 1-16. ISSN: 1676-7640.

STIEGLER, Bernd. **Traveling in Place: A History of Armchair Travel**. Chicago: University of Chicago Press, 2013.

TUNA, Gustavo Henrique. **Viagens e viajantes em Gilberto Freyre**. (Dissertação de Mestrado). São Paulo: Universidade Estadual de Campinas, 2003.